

Entrevista a Vasco Pereira da Costa

“O problema que se põe a quem escreve poesia é que já tudo foi escrito sobre a vida humana”

Ler Vasco Pereira da Costa é sempre uma experiência desafiante e muito enriquecedora! O deleite da sua escrita é quase sensorial; há uma mescla de erudição, lirismo e, sobretudo, de labor e de entrega literária. Homem de algumas artes e outros tantos ofícios, encontramos na Cultura a centelha que move este orgulhoso açoriano, angrense, rendido aos encantos coimbrões. Vasco Pereira da Costa lança este mês, 20 de novembro – Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, mais um livro – *Cantata e Outros Poemas Errantes* – (ed. Letras Lavadas) onde reúne os seus últimos poemas.

POR TELMO NUNES

Consegue definir a sua própria poesia? Se sim, o que diria sobre ela?

A elaboração de um poema requer material verbal para um trabalho oficial semelhante ao de um *luthier* que selecciona as melhores madeiras para construir, por exemplo, um violino – o abeto, o salgueiro, o ébano... Ao poeta cabe escolher na morfossintaxe as palavras adequadas para que o poético surja bom e de ajustada sonoridade. A própria definição de lirismo aponta para a musicalidade ancestral. O problema que se põe a quem escreve poesia é que já tudo foi escrito sobre a vida humana: os gregos estabeleceram esse cânone simultaneamente trágico e cómico para exprimir o passado de qualquer ser humano. Há, pois, que, no poema, se inscreva a essência da vida – tristezas e alegrias, opressão e liberdade, desejos e frustrações – de um modo diferente, fazendo ressuscitar a palavra ajustada.

Caso o Vasco tivesse de escolher hoje o poeta e o poema da sua vida, quais seriam?

Hui!... é difícil: teria de ir de Píndaro a Ruy Belo. Seria uma caótica sinfonia lírica.

Não sou homem de livro único nem de um tempo único. Por formação, registei leituras das literaturas românicas de todas as periodizações e, também, traduções de escritores de todas as latitudes, seguindo o princípio de que a natureza humana não tem fronteiras traçadas a régua e esquadro. De facto, as vilezas e os júbilos humanos são os mesmos de sempre e a estupidéz das governanças sempre foram redimidas pelo poder da escrita libertadora.

Em produção literária é muito usual falar-se de “inspiração”; todavia, a inspiração é somente a centelha que espoleta tudo o resto, representando o estudo e a persistência a parte mais significativa na execução de um poema. Concorda com a afirmação? A sua inspiração surge de onde?

Não me lembro de quem disse (mas é exemplar) que a inspiração é o resultado de um pensamento longamente amadurecido; alertam-me as palavras de Drummond de Andrade: o que que pensas e o que sentes isso ainda não é poesia; relembro o aviso de Torga a Alegre – o primeiro verso é oferecido, os outros tens que os conquistar... Por isso, raramente o poema é imaculado: muita emenda e muito papel rasgado até encontrar forma e fundo satisfatórios. Para tanto, é necessário um trabalho oficial de

aprimoramento inventivo e recriador que marque a contemporaneidade.

Todos os poetas, e escritores em geral, desenvolvem uma relação pessoal com a escrita. O texto, concretamente, os poemas não nascem sem um processo de escrita. Qual é o seu?

Escrevo sempre sobre papel de rascunho. Manuscrito, portanto. Ao primeiro verso, o poema escolhe o seu próprio rumo, que não corresponderá exatamente ao que eu imaginara: exige a palavra que pretende, a sonoridade que lhe convém, a medida que lhe assenta. E eu tenho que obedecer aos seus caprichos. Em seguida, tem de ser limado, lavado e enxuto: nem palavras a mais nem palavras a menos – apenas as necessárias. Do rascunho, anotado e emendado, é enviado para o *word* e fica a aguardar por visitas frequentes que o poderão ainda aprimorar. E nunca o acho perfeito... Mas pode acontecer que parta à procura de um leitor que o aceite. Muitos poemas, no entanto, hibernam indefinidamente.

A poesia ainda é o lugar onde tudo pode ser dito? O que podem os leitores esperar neste *Cantata e Outros Poemas Errantes*?

Apenas posso esperar que haja um leitor que se aproprie de um poema e que o acolha como seu. Não tenho a ousadia de pensar o futuro, mas apreciaria que os meus escritos pudessem ser lidos daqui a cem anos. Mera e triste presunção...

Uma das epígrafes que abre este *Cantata e Outros Poemas Errantes* é “O que mais vale na poesia é o indizível e é por isso que o mais importante é o que se passa entre linhas”. A citação é de Pierre Reverdy, retirada da obra *Le Livre de bonbord*. Quer isto dizer que o leitor, ao ler o seu novo livro, terá de estar constantemente em processo de inferência?

Todo o texto literário tem como base a metáfora e/ou a metonímia. É, pois, na essência, conotativo, isto é, permite as mais diversas leituras. O texto lírico, sintético e laborioso, recorre a uma adequada semântica e a aspectos fónicos significativos para que possa desafiar o leitor perante a urdidura. É necessário estar alertado que o lirismo carrega um lastro de música e quase todas as literaturas foram inicialmente orais recorrendo à rima ou às vogais breves e longas ou a uma métrica que favorecesse a memória e a transmissão dos textos.

No poema que abre este livro, o Vasco diz: *Deus é uma impura partícula*

de matéria escura / deambulando na impudente energia / que arrega as galáxias da poesia. De que forma está Deus presente na sua obra poética? Haverá alguma evolução da Sua presença ao longo dos anos?

A vida concedeu-me a possibilidade de calcorrear o mundo e em toda a parte deparei com manifestações religiosas – todas diferentes, mas todas assentando no pressuposto da divindade ou das divindades. Percorre em todas elas a necessidade de tentar explicar a vida através de uma intervenção sobrenatural, porventura determinista. Ora, eu não fui bafejado, na minha cultura judaico-cristã pela crença ou pela fé: sou apenas um bicho que teve a sorte de ser dotado, como os meus iguais de uma evolução que me configurou com um desenvolvimento dos lobos frontais. Nasci assim e, na minha condição animal, tenho a certeza de que qualquer dia vou morrer. E não consigo prever o que acontecerá depois desse fim.

O seu “Poema de Natal” abre com: *A concha de Nemésio não será nunca casa minha / sou incapaz de tecer casulo ou carapaça marinha. De que forma conseguiu o Vasco resolver este binómio insularidade Vs. continentalidade, ou será ele ainda causador de alguma angústia?*

Não há binómio: há, sim, um território imenso que habitamos e ao qual pertencemos sem constrangimentos fronteiriços, sem barreiras temporais, sem preconceitos culturais: somos todos habitantes do mesmo planeta – um condomínio maravilhoso e fantástico – tantas vezes maltratado pela ganância e estupidéz dos poderosos.

Em que local é que o Vasco sente que está a “entrar em casa”?

Talvez seja uma réstia camoniana; talvez seja uma herança do Fernão que mendes pintou o mundo; talvez a lembrança das fotografias da *Noiva do Achamento*, talvez seja um capítulo de Érico Veríssimo ou de um excerto de Melville. Mas, sendo ibérico, sempre me senti em casa até nos quintos do mundo. Não renego é a minha condição de nascimento numa casa da rua Direita, em Angra, a partir da qual olhava o mar apelativo ou perscrutava o avião que cruzava os céus sedutores das descobertas do planeta.

Desde há muito que o Vasco se expressa tanto em prosa como em poesia. Tem predileção por algum dos modos literários? Se sim, por que razões?



Qualquer texto literário é poético – seja em prosa seja em verso. Se o não for, não é literatura. O carácter literário de qualquer texto advém da capacidade de seduzir o leitor e de permanecer atual em qualquer época.

Certo de que acompanha a produção literária açoriana, especialmente a poética, para onde caminha a poesia contemporânea de chão açórico?

Caminhando faz caminho, navegando escolhe rotas. Apenas o tempo cronológico estabelecerá as condições de sobrevivência. O chão açórico não difere das estepes, dos desertos, dos mangais, das montanhas, das planícies... onde podem ser encontrados diversos códigos comunicacionais. Em qualquer parte, há criadores e receptores das palavras, diversas línguas. No chão açórico, essa comunicação faz-se através da Língua Portuguesa!

Que poetas açorianos atuais aprecia? E dos que fazem parte da história dos Açores, há algum que tenha como uma referência sua?

Começaria por Homero... e esta entrevista ocuparia várias páginas com o elenco. A literatura não passa cartão ao lugar do nascimento dos escritores. Mas refiro alguns: Petrarca, Dante, Ungaretti, Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Camões, Bocage, Garrett, Llorca, Machado, Lope de Veja, Manuel Maria, Verdaguer, Tzara, Torga, Alegre, Neruda, Guimarães Rosa, Lispector... sem fim.

O que podem os seus leitores esperar futuramente? Há já algum projeto em pensamento?

Só tenho um projeto, que respingo com uma citação da *Carta a Pero Vaz de Caminha* de António Ferreira:

*Floresça, cante, oiça-se e viva
A portuguesa língua, e onde já for,
Senhora vá de si, soberba e altiva.*